

**OS NOVE PENTES D'ÁFRICA: QUESTÕES IDENTITÁRIAS E
AFRICANIDADES NA LITERATURA INFANTIL E JUVENIL
BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA**

**LOS NUEVE PEINES DE ÁFRICA: CUESTIONES DE IDENTIDAD
Y AFRICANIDADES EN LA LITERATURA INFANTIL Y JUVENIL
BRASILEÑA CONTEMPORÂNEA**

Carlos Alexandre Manoel¹
Jesuino Arvelino Pinto²

Recebimento do texto: 13/04/2021

Data de aceite: 09/05/2021

RESUMO: O objetivo precípua deste artigo consiste em, a partir da análise da novela infantil e juvenil *Os nove pentes d'África*, perceber esteticamente como a autora construiu a narrativa identitária e se utilizou de um contexto familiar para ressignificar o passado e reconstruí-lo no presente a fim de proporcionar o respeito à diversidade e ao povo negro. De autoria de Cidinha da Silva e com ilustrações de Iléa Ferraz (2009), a obra apresenta um enredo que entrelaça histórias, raízes, ancestralidade e memórias. A narrativa em questão reafirma a necessidade de se preservar histórias e tradições, de modo a respeitar povos, gerações e culturas. Para a concretização deste estudo, buscou-se aporte teórico em estudos e pesquisas de Candido (1972), Halbwachs (2004), Nascimento (2018), Hall (2019). Ao escrever sobre africanidades e questões étnico-raciais, Cidinha da Silva promove o engrandecimento da literatura contemporânea, visto que, atualmente, se faz tão necessário defender causas e lutar por questões sociais, que envolvem, dentre tantas diversidades, o preconceito com o negro, por sua cor de pele e um histórico ancestral de escravidão.

PALAVRAS-CHAVE: Cidinha da Silva. Ancestralidade. Memórias. Narrativa identitária.

RESUMEN: El objetivo principal de este artículo es, a partir del análisis de la novela infantil y juvenil *Los nueve peines de África*, percibir estéticamente cómo la autora construyó la narrativa de identidad y utilizó un contexto familiar para ressignificar el pasado y reconstruirlo en el presente con el fin de proporcionar respeto por la diversidad y a la gente negra. Escrita por Cidinha da Silva y con ilustraciones de Iléa Ferraz (2009), la obra presenta una trama que entreteje historias, raíces, ascendencia y recuerdos. La narrativa en cuestión reafirma la necesidad de preservar las historias y tradiciones, con el fin de respetar a los pueblos, las generaciones y las culturas. Para la realización de este estudio, se buscó la contribución teórica en estudios e investigaciones de Candido (1972), Halbwachs (2004), Nascimento (2018), Hall (2019). Al escribir sobre africanidades y cuestiones étnico-raciales, Cidinha da Silva promueve la grandeza de la literatura contemporánea, ya que, actualmente, es tan necesario defender causas y luchar por cuestiones sociales, que implican, entre tantas diversidades, prejuicios con el negro, por su color de piel y una historia ancestral de la esclavitud.

PALABRAS CLAVE: Cidinha da Silva. La ancestralidad. Recuerdos. Narrativa de identidad.

1 Mestrando em Letras no Programa de Pós-Graduação em Letras – PPGLetras, Linha: Estudos Literários, UNEMAT, Campus de Sinop. Especialista em Linguística Aplicada. Membro do Grupo de Pesquisa do CNPq “Literatura, Ensino e Sociedade” E-mail: carlos.alexandre@unemat.br

2 Doutor em Estudos Literários. Professor Adjunto da Universidade do Estado de Mato Grosso. Docente Permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras – PPGLetras, UNEMAT, Campus de Sinop. Líder do Grupo de Pesquisa do CNPq “Literatura, Ensino e Sociedade” E-mail: jesuino.pinto@unemat.br

Introdução

A proposta deste TEXTO consiste em analisar a novela infantil e juvenil **Os nove pentes d'África**, mais especificamente, perceber esteticamente como a autora, Cidinha da Silva, construiu a narrativa identitária e se utilizou de um contexto familiar para ressignificar o passado e reconstruí-lo no presente a fim de proporcionar o respeito à diversidade e ao povo negro. De autoria de Cidinha da Silva e com ilustrações de Iléa Ferraz (2009), **Os nove pentes D'África** apresenta um enredo que entrelaça histórias, raízes, ancestralidade e memórias. A narrativa em questão reafirma a necessidade de se preservar histórias e tradições, de modo a respeitar povos, gerações e culturas.

Segundo informações extraídas do portal **Literafro** – o portal da literatura afro-brasileira, a escritora Maria Aparecida da Silva, ou como prefere ser chamada e como se tornou conhecida no perfil acadêmico, Cidinha da Silva nasceu em Belo Horizonte, em 1967. Formada em História pela Universidade Federal de Minas Gerais, fundadora do Instituto Kuanza e editora da Kuanza Produções, Cidinha da Silva, que sempre gostou de escrever, teve a sua primeira obra, **Cada tridente em seu lugar e outras crônicas**, publicada em 2007, atualmente soma 17 livros lançados. Recebeu o Prêmio da Biblioteca Nacional, na categoria “contos”, em 2019, com sua 13ª produção, **Um Exu em Nova York** (2018) e foi finalista do Prêmio Jabuti, no mesmo ano, com o livro **Explosão Feminista** (Ensaio, de 2018), do qual é coautora.

Publicou títulos como **Você me deixe viu? Eu vou bater meu tambor** (2008), **O mar de Manu** (2011), **Kuami** (2011), **Racismo no Brasil e afetos correlatos** (2013), **Baú de miudezas, sol e chuva** (2014), **Sobre-viventes!** (2016), **Canções de amor e dengo** (2016), **Parem de nos matar!** (2016), **O homem azul do deserto** (2018), **Exuzilhar: melhores crônicas de Cidinha da Silva** (2019), **Para começar: melhores crônicas de Cidinha da Silva** (2019). A autora diversifica sua escrita com a adoção de diferentes gêneros literários: conto, crônica, novela, ensaio, dramaturgia e infantil/juvenil. Sua estética textual é elaborada a partir de pesquisas sobre africanidades, orixalidades, ancestralidades e tradições africanas, afro-brasileiras, afro-diaspóricas e afro-indígenas. Tem suas obras traduzidas em diversos idiomas: alemão, catalão, espanhol, francês, inglês e italiano.

A humanização na literatura infantil e juvenil

Temáticas de cunho social, que discutem questões sobre Direitos Humanos, voltados ao racismo, discriminação racial, desigualdades sociais e gênero, são contextos que sempre estão presentes nas obras de Cidinha da Silva. Escritora negra, engajada na defesa de classe, participa ativamente de programas sociais e leva para suas obras discussões pertinentes. Vale ressaltar que as temáticas trabalhadas por Cidinha da Silva, ganham destaque em suas escritas, tornam-se objetos de debates, pesquisas e análises, porém, ficam como elementos paralelos em suas narrativas, já que a centralidade está nas africanidades de um modo geral.

É possível compreender mais sobre a escrita de Cidinha da Silva pela descrição apresentada por Eduardo Oliveira, filósofo e educador da Universidade Federal da Bahia (UFBA), no prefácio da 2ª edição da obra **Sobre-viventes!**. Ao afirmar que Cidinha da Silva se “materializa por uma coisa banto e não pela escatologia”, o crítico conduz o leitor à ideia de que a autora trabalha em suas obras culturas e tradições oriundas do conjunto de populações da África sul-equatorial, gente que falam línguas da mesma família, mas pertencem a grupos étnicos diversos.

Cidinha discorre em suas narrativas tradições, ancestralidades e memórias; refaz a história e a ressignifica, pretendendo que o público leitor perceba a importância de se preservar histórias e tradições, de modo a respeitar povos, gerações e culturas. O povo negro apresentado em suas obras é a metáfora que a sociedade necessita para compreender que o ser humano é plural. Ao deixar de lado termos escatológicos, confirma-se a necessidade de manter a história viva, compreendê-la, questioná-la e conduzi-la a melhores formas de convivências sociais. Ainda nas palavras de Oliveira (2020), a obra de Cidinha da Silva propicia

Viver tudo o que é natural! Viver mais que sobreviver. Antecipar no acontecimento o sentido que lhe é inerente sem escapismo para outro mundo. Não existe outro mundo. As coisas se dão e se resolvem aqui. Materializam-se em acontecimentos, fatos e pessoas. Aliás, um livro de crônicas se notabilizam também pelas personagens que cria ou menciona. E pelas paisagens que recria. Neste, os homens francamente vão mal, mas vão mal demais! Tem exceções,

visto que esse é um livro de literatura banta, que vive da complexidade e não tolera simplismo. As mulheres, ah as mulheres!, infinitamente mais plásticas, mais várias, mais humanas, mais coloridas, mais protagonistas, mais felinas, mais cotidianas, menos retas, mais curvas, mais viventes, mais humanas. Quanto ao mundo heteronormativo, só posso dizer que com as Crônicas de Cidinha, ele “pira”! Não me impressiona que ela corra o risco do texto caricato e, em nenhum caso, caia na armadilha. A autora escapa, de longe, da literatura cifrada e ideologicamente identificada. É arte, não ideologia! Ela fala como mulher, negra, lésbica – seu modo de habitar a vida. É seu pondo de partida e não de chegada. Faz literatura banta, universalizável desde seu lugar de pertencimento. Cria seu próprio modo de expressão. Constitui seu universo. Escolhe suas referências. Diz com o estilo o que não se pode fazer com a frase. Ultrapassa o dito com o Dizer. Para mim, isso é literatura. Dizer para além do dito. Intencionalmente ocultar para revelar. Revelar ocultando. Nesse jogo, deslinda-se o humano. (OLIVEIRA, Eduardo. Prefácio de **Sobre-viventes!**, 2020).

A preocupação de Cidinha da Silva em criar histórias a partir das histórias de um povo, caracteriza a Literatura como arte humanizadora. Antonio Candido (1999) apresenta elementos que permitem a compressão da Literatura como elemento de formação do homem. Na primeira parte da exposição teórica de Candido (1999), tem-se o conceito de que a literatura moderna é feita esteticamente de modo a atingir intencionalmente o público leitor, intenções essas voltadas ao despertar, emocionar, sensibilizar ou ainda revoltar. Cidinha da Silva, literária contemporânea, tem com suas obras tais intenções ao compartilha-las com seus leitores.

Candido (1999) ainda aponta elementos que exemplificam a função humanizadora da literatura que leva o humano a ter referências significativas em sua formação. Para isso apresenta as funções psicológica e formadora. A primeira corresponde ao próprio humano, mostrando a necessidade que o homem tem de conviver com a fantasia, complementando sua formação, independente de classe social, cultura, ou qualquer outro elemento que caracteriza o homem em sua diversidade. Na função formadora, Candido apresenta pontos que explicam funções da literatura enquanto estudos formativos, construção de conhecimento,

já que é uma arte repleta de conhecimento, rica de informações. Por último e não menos importante, tem-se o conceito de literatura como função social, talvez a que mais defina a literatura de Cidinha da Silva. O elo entre ficção e realidade e o apontamento histórico para entender o presente complementa as narrativas criadas pela autora.

O posicionamento desafiador de Cidinha da Silva é de grande responsabilidade ao contemplar a literatura contemporânea brasileira com temáticas voltadas a africanidades e questões sociais pertinentes à contemporaneidade. Candido explica a relação literatura x realidade:

Muitas correntes estéticas, inclusive as de inspiração marxista, entendem que a literatura é sobretudo uma forma de conhecimento, mais do que uma forma de expressão e uma construção de objetos semiologicamente autônomos. Sabemos que as três coisas são verdadeiras; mas o problema é determinar qual o aspecto dominante e mais característico da produção literária. Sem procurar decidir, limitemo-nos a registrar as três posições e admitir que a obra literária significa um tipo de elaboração das sugestões da personalidade e do mundo que possui autonomia de significado; mas que esta autonomia não desliga de suas fontes de inspiração no real, nem anula a sua capacidade de atuar sobre ele. (CANDIDO, 1918, p. 85,86).

Nessa perspectiva humanizadora, com uma literatura enraizada em questões sociais, Cidinha da Silva, que no início da carreira não havia pensado sobre escrever para crianças, se depara com uma situação inusitada e desafiadora, algo dito por uma sobrinha, que a levou a escrever **Os nove pentes d'África** (2009).

Sobre a idealização da obra *Os nove pentes d'África*

Foi pela inquietação de Cidinha da Silva em relação ao pedido de Nayara, sua sobrinha, na época com 6 anos de vida e em processo de alfabetização, que a autora decidiu escrever a história dos “Pentes”. Em uma entrevista concedida ao projeto de mídia alternativa, educação e produção cultural que traz um lado pouco conhecido do continente africano no Brasil – Afreaka –, quando perguntada pela entrevistadora Patrícia Freire: “Fale um pouco de sua produção de literatura

infantil. Como surgiu o seu interesse em escrever para as crianças, o que você busca passar para elas?”, Cidinha responde:

O interesse surgiu quando meu primeiro livro para adultos estava sendo lido por uma sobrinha de 6 anos que então se alfabetizava. Ao mesmo tempo que aquilo me emocionava, também incomodava porque não era um livro adequado a ela. Eu, então, buscava explicar as inadequações à pequena, que me perguntou: E quando você vai fazer livros para crianças?” Esse foi o mote inspirador. Quanto a temática escolhida, eu quero discutir com as crianças todos os temas (assim são meus livros) e meu desafio é buscar a linguagem adequada, criativa e afetiva para fazê-lo. (SILVA, *Cidinha da Silva: protagonista da literatura brasileira*. Entrevista concedida ao projeto de mídia *Afreaka*, 2013)

Ao decidir escrever para crianças e tomar como posição discutir com o público infantil os temas e a linguagem adequada, Cidinha da Silva vai ao encontro ao que Meireles (2016) defende sobre o que escrever para crianças:

São as crianças, na verdade, que o delimitam, com a sua preferência. Costuma-se classificar como Literatura Infantil o que para elas se escreve. Seria mais acertado, talvez, assim classificar o que elas leem com utilidade e prazer. Não haveria, pois, uma Literatura infantil *a priori*, mas sim *a posteriori*. (MEIRELES, 2016, p. 15).

Tem-se em vista que a História da Literatura Infantil corresponde a um período recente de definições para literatura. Desde 1949, nas conferências realizadas por Cecília Meireles e compiladas em **Problemas da Literatura Infantil**, nota-se uma constante preocupação em o que classificar como Literatura para crianças. A escrita para este público é feita por adultos, que decide o que e como escrever. Nessa vertente, a definição de Literatura Infantil não se firma, pois acontece de obras pensadas para crianças caírem no gosto de adultos; obras para adultos, se adequarem ao gosto do público infantil e outras questões em constantes perturbações. Assim pensado, para que uma obra feita para criança seja do gosto dela, saber o que ela quer ler é o que se torna relevante.

Ter na literatura contemporânea, escritoras como Cidinha da Silva

tranquiliza as academias, visto que há quem se preocupa com o que, para que e para quem se escreve. E, escrever para crianças é contribuir para um acervo enriquecedor e formativo. Meireles completa: “Um livro de Literatura Infantil é, antes de mais nada, uma obra literária” (MEIRELES, 2016, p. 72).

Assim, no ano de 2009, publicava-se a primeira obra infantil de Cidinha da Silva, a novela **Os nove pentes d’África**. A história do vô Francisco e da vô Berna, alicerce da família Quintiliano, é contada em 12 capítulos curtos, com uma linguagem simples e voltada ao público infantil. A trama centra-se nos nove pentes criados pelo vô Francisco para seus netos, sendo pentes que retratam a personalidade de cada um, sempre presenteados a partir de uma história. A ideia, já explanada por Cidinha da Silva, partiu daquilo que crianças queria ler:

Este livro é do Juninho, que fez a passagem antes do tempo da nossa compreensão. É da Amanda e da Carol, escritoras dos próprios livros. É da Nayara, que me pediu este Pentos e todos os livros para crianças que escreverei. É do Vinícius, o menino da sacola gorda de livros lidos. É do Gabrielzinho, do Dimka e da Emodha, que ainda não conhecem as letras e leem o mundo de todas as outras formas. É do Davi, que ajudou a escrever o capítulo XI. É da Lili, que daqui a pouco romperá a bolsa. (SILVA, 2009, p. 3).

Além de se ter uma obra riquíssima de ancestralidade, memórias e cultura apresentada pela escolha arquitetônica de palavras feita pela escritora Cidinha da Silva, o livro conta com ilustrações de Iléa Ferraz, uma artista múltipla: atua, canta, dirige, escreve, produz, ilustra, cria e executa projetos cenográficos. Para os “Pentos”, contribui com o seu trabalho de ilustradora.

Eu desenho diariamente, nem que seja um desenhinho num guardanapo eu faço. Não é por disciplina, é gosto, mania, obsessão. Por isso alguns dos desenhos dos nove pentos surgiram bem antes da ideia do livro. Eu gostava de ficar olhando para eles, e imaginando que eles tinham uma história para ser contada (essa é outra mania). Um dia a história dos pentos veio à minha cabeça. Dormi pensando nela e sonhei com a Cidinha, sonhei que ela recolhia os frutos, despertava os sabores e acrescentava os novos elementos da história. Assim foi: a Cidinha veio feito fada, com sua escrita

mágica e conduziu o sonho de mais uma história no nosso povo, à luz da realidade. (SILVA, 2009, p. 56).

A ilustração se mostra colorida na capa do livro. É a parte em que Ferraz representa a essência do livro. A imagem de um pente, representando a africanidade, com cores fortes, vivas e o peteado singular. Cores como o marrom, alaranjado, amarelo, sendo algumas representativas de bandeiras de países africanos e cores habituais do povo africano.

No interior da obra, a ilustração aparece no meio das páginas, dividindo espaço com o texto. Apenas desenho de pentes característicos ao encontro de seus significados, conforme criados e presenteados pelo vô Francisco aos nove netos. Os desenhos são marcantes, fortes, vivos, por mais que pareçam sem destaque. Em preto e branco, representa as africanidades por meio de imagens, tem seus valores étnicos e culturais, com marcas e registros que representam a ancestralidade do povo africano e elementos simbólicos, muitas vezes mitológicos que transferem das palavras para o desenho a mensagem que se pretende passar.

A pesquisadora Ieda Oliveira (2008) reúne ilustradores brasileiros e portugueses para debater a respeito da qualidade das ilustrações em obras infantis, por meio de depoimentos e artigos. Uma reunião de textos para tratar do uso de cores selecionadas por ilustradores. É abordada questões como “Percepção: arte de ver”, “Elementos visuais”, “Direções espaciais”, “Colorindo histórias, construindo imagens” e “A cor impressa”. Nas discussões que constituem o estudo, os pesquisadores apresentam argumentos e buscam por respostas ao questionamento acerca da qualidade em ilustrações de obras infantil e juvenil. O desenho também é texto. A ilustração chama a atenção, leva o leitor a desvendá-la, entendê-la, situá-la ao contexto. Os desenhos de Iléa Ferraz complementam a escrita de Cidinha da Silva em **Os nove pentes d’África**. Dentre os estudiosos que compõem a coletânea organizada por Oliveira (2008), Cristina Biazetto assevera que:

É importante lembrar que tratamos de ilustração, e não de uma imagem isolada. Temos, então, que considerar ainda a relação entre texto e imagem. A ilustração está vinculada a uma história ou a uma poesia. O ponto de partida, a matéria-prima do ilustrador, é o texto. É nele, portanto, que as cores devem ser buscadas. (BIAZZETO, 2008, p. 80)

E ainda, importa-se destacar que a obra dos “Pentes”, desde setembro de 2020 faz parte do catálogo de escolha de livros paradidáticos do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD). A partir de então, professores de todo o país podem escolher a narrativa do vô Francisco como opção de leitura a seus alunos. É muito importante que o professorado brasileiro perceba a necessidade de adotar o livro, leva-lo para o conjunto de obras a serem lidas por seus alunos e trabalhem questões de preconceito, ancestralidade, preservação histórica e formação cultural de povos.

Em uma entrevista concedida à Geledés – Instituto da Mulher Negra, organização de mulheres negras contra o racismo e sexismo, Cidinha da Silva ao ser questionada sobre o tempo que se leva para uma obra integrar o PNLD e os desafios para se chegar a isso, ela responde que é um processo duro, com envolvimento de disputa que ocorrem dentro da própria editora. A obra escolhida para integrar ao plano, segundo Cidinha (2020), é determinada pela editora, sempre por interesses particulares. A formação dos acervos escolares parte de políticas públicas. Ela observa que *Os nove pentes d’África* é de 2009, porém somente em 2020 foi inscrito para um disputa a nível federal, com tamanha magnitude. Ela afirma não saber explicar o porquê e espera que as escolas escolham sua obra e não se prendam a desinformações que sempre existem e cabe aos escritores suprir tais ocorrências com a publicidade incisiva e efetiva da obra. (SILVA, Cidinha. Quem é a autora negra que mesmo sem contrato grande será lida por milhões?, entrevista cedida à Geledés, out, 2020)

Os nove pentes d’África: a história e as relações com identidade, africanidade e memórias

A história é narrada em primeira pessoa por Bárbara, carinhosamente chamada por sua família de Barbinha. Ela é uma das netas do vô Francisco. Logo no primeiro capítulo, a narradora conta como seus avós, Francisco e Berna se conheceram. Ele era marceneiro, ela uma negra jovem e bonita que passava em frente à marcenaria com um cesto de roupas na cabeça, rumo ao rio para lavá-las. Foi a partir dessa rotina que se iniciou uma história de amor que durou quase cinquenta anos.

Vô Francisco é o exemplo da família Quintiliano. Sua integridade e preocupação com a formação familiar o fez um homem trabalhador, mestre na arte de ser marceneiro e após sua aposentadoria dedicou-se ao trabalho artístico de escultor. A perfeição em suas obras enchia de orgulho toda a família. O grande propósito do livro está nos pentes talhados pelo vô Francisco, objetos de grande valor sentimental. Cada pente correspondia a um de seus nove netos. Seus netos de idades diferentes, de crianças a adultos, cada um com sua personalidade tinha um pente que o caracterizava. Os irmãos Zazinho, Luciana e Ana Lúcia, receberam, respectivamente os pentes jabuti, peixe e baobá. Os irmãos Abayomi e Lira, os pentes do amor e da alegria; Melissa e Ayana, pente passarinho e pente da perseverança; João Cândido, o pente da generosidade/solidariedade e a Bárbara o pente da admiração. Cada pente é oriundo de uma história, criada pelo vô e contada todas as tardes, na mesma hora, em rodas de conversas com os netos. Assim transcorre até sua morte:

Quantos vagões, quantos trilhos, quanta carga, quantos viajantes e ferros de passar passaram por sua vida, toda vivida ao lado de vô Francisco. Enquanto tirava os mais escondidos amassadinhos da roupa, o ferro de passar alimentado por brasas, o motor à lenha da maria-fumaça, as roupas da juventude passadas pelo ferro antigo, as conquistas da família, a consagração de vô Francisco como artista, a vida simples e feliz que os inscrevera no mundo. Como seria, agora, a vida sem ele? (SILVA, 2009, contracapa)

A partida do vô Francisco é um ponto importante da narrativa, cujo destaque vem a seguir, mas antes, é importante ressaltar o significado das histórias contadas aos netos. Uma rotina de todas as tardes, tempos antes de sua partida. Houve tempo suficiente para todos os netos receberem seus pentes e, a partir do que ouviram sobre eles, conduzirem suas vidas, serem donos de suas histórias. Sempre eram contadas situações relacionadas à ancestralidade do povo africano. Havia relações com elementos da natureza, como a história da flor amarela como o sol, a última contada pelo avô.

A trama também é entrecortada por narrativas de momentos que descreviam e resgatavam as vivências do povo africano em períodos tristes da sua

História e que deixaram marcas a serem vencidas perante a sociedade. O ato de falar sobre e com tanta sabedoria, carregada de sentimentos e moral, fizeram com que as lembranças do vô Francisco nunca sumissem com o tempo, daí a fundação de um museu para guardar suas criações. O compositor Chico César define com riqueza de vocabulário a obra de Cidinha da Silva:

Cidinha da Silva é uma amiga minha que escreve como quem trança ou destrança cabelos e nos presenteia com pentes presentes cheios de passado que nos ajudam a destrinçar o futuro. Seus pentes são pontes de compreensão entre o que somos nós negros brasileiros agora, nossos avós recentes e os tais ancestrais africanos. E pontes entre nós e nossos filhos e sobrinhos, os que vêm depois de nós. Compreensão aqui que eu digo é aquele entendimento afetuoso, apaixonado até e cheio de compaixão no sentido de gratidão pelo que se é. Pelo que nós somos: família, solidariedade e contradição na difícil tarefa de encontrarmos, cada um, nosso papel de levar adiante a história coletiva e ao mesmo tempo afirmar o traço intransferivelmente pessoal do indivíduo. Estar com a mãe e nascer, ser da família e ir embora, constituir a sua própria (que ainda é a mesma). É aí que mora o penteado: saber qual é o pente que te penteia. Para os mais jovens, a quem se destina a princípio este livro, mas também para os nem tão jovens assim são generosas as pistas sopradas para os nosso ouvido por essa contadora de histórias. Escutadora atenta, agora vem a *griot* nos atentar doce e profundamente. Vem aqui nos alentar deschavando mundo. Vem reforçar nossas ligações básicas, comunitárias, domésticas. É tão certo e tão bem-vindo esse livro que lê-lo me encheu de orgulho e admiração. Pelo tema e pela forma. Sei que os próximos leitores de “Pentes” sentir-se-ão gratos a Cidinha da Silva, como eu. (Chico César, 2009, orelha do livro)

As palavras de Chico César remetem o livro a um panorama explanado por Halbwachs (2004) quando afirma haver integração e continuidade de grupos a partir da seleção de elementos do passado, seja por processos individuais ou em grupos que levam à compreensão da memória coletiva enquanto função de identidade dos grupos sociais. Cidinha da Silva, ao resgatar memórias e colocá-las como elementos chave da narrativa que compõe os “Pentes”, (re)configura a valorização de um povo, a ressignificação da história e a importância de se preservar e respeitar.

A partir dos elementos ancestrais que são apresentados no decorrer da história, percebe-se manifestações culturais vividas pelo povo africano e conservados por seus descendentes. De várias passagens da obra que contemplam a afirmação, destaca-se o ritual da despedida do vô Francisco:

A passagem dos três homens deixou um rastro de aguapé, alecrim e alfazema. Uma das folhas de pata-de-vaca e amoreira caíram do saco de pano. Ajagunã e Anauá, os filhos da mata, nomeados pelo espírito das folhas, cobriram o corpo do vô com um tecido branco cheiroso e o tiraram da cadeira de praia para o quarto indicado por vô Berna. João Cândido pediu para acompanhá-los, eles permitiram, mas só até a porta. Tio Aroni, por sua vez, já estava na cozinha, maquiando os segredos dele entre ervas, folhas e água. (SILVA, 2009, p. 21)

Hall (2019) acredita que as manifestações culturais de tradições e costumes representados na literatura pós-moderna são formadas pela tríade literatura, sociedade e identidade cultural, particularmente quando tratada pelo viés da Literatura Comparada, que permite situar o período sócio histórico da nação em que a obra se insere, o contexto político e econômico da época em que a obra foi desenvolvida, além das concepções histórico-culturais que integram não apenas a problemática abordada, mas toda uma ideologia inerente à estética proposta pelo estudioso. Nesse sentido, a literatura, muitas vezes, atua como base da sociedade na qual aquele projeto artístico foi concebido. Já o registro de manutenção cultural se constrói e se reconstrói no interior das trocas sociais, na correlação ou na contraposição com outras práticas culturais.

Ainda na perspectiva de utilizar a memória para compor histórias contemporâneas, o que Cidinha da Silva também aproveitou para contar a narrativa dos “Pentes”, articula-se com as considerações de Ricoeur (2007) ao enfatizar que considera a memória aparece como única garantia de reconhecimento do passado, tendo como dimensão o tempo que justifica sua verdade. A memória, é o único instrumento que possuímos para garantir o passado, quer pessoal, quer coletivo. Além disso, ela serve como reconhecimento do passado e se relaciona dialeticamente com a História. As memórias são múltiplas e formam um painel que se altera, segundo a perspectiva de quem recorda. As escritas da

memória centram em registros factuais da história, operam com narrativas, com representações, construindo, então variantes subjetivas do passado:

A busca da lembrança comprova uma das finalidades principais do ato de memória, a saber, lutar contra o esquecimento, arrancar alguns fragmentos de lembrança à “rapacidade” do tempo (Santo Agostinho *dixit*), ao ‘sepultamento’ no esquecimento. Não é somente o caráter penoso do esforço de memória que dá à relação sua colaboração inquieta, mas o temor de ter esquecido, de esquecer de novo, de esquecer amanhã, de cumprir esta ou aquela tarefa; porque amanhã será preciso não esquecer... de se lembrar. (RICOEUR, 2007, p. 46)

É com o aproveitamento de memórias e elementos da ancestralidade que Cidinha da Silva tematiza em sua obra, mesmo voltada para crianças, situações de preconceito vividas pelos negros. Não há tempo nem idade para se discutir tais posicionamentos sociais que ultrapassam séculos e estão longe de saírem dos conceitos impregnados na sociedade preconceituosa e mal informada. Entre as tramas, tem Zazinho, o neto que usa cabelo *black* e deseja fazer *dreads*. Zazinho é estudante de Direito. Ana Lúcia, sua irmã, que recebeu o pente baobá, árvore representativa das culturas africanas, demonstra preconceito com o irmão e mostra-se indiferente com sua cor e personalidade.

“Você vai mesmo fazer *dreads*?” “Vou, mas quero curtir o cabelo *black* por uns tempos e enquanto isso ele cresce mais, dá para tramar uns *dreads* maiores e mais bonitos.” “Você sabe a minha opinião, não é?” “Sei, não pedi, mas sei”. “Não seja grosseiro, Zazinho. *Dread* é coisa de maloqueiro, não combina com um estudante de Direito sério, futuro advogado de sucesso, como você.” (SILVA, 2009, p. 47)

A personagem Bárbara, narradora, é a neta que sempre morou com os avós. Ela foi criada por eles, desde pequena. Sua mãe abandonou a família, o pai, saiu pelo mundo tentando se encontrar. A realidade entorno da menina é uma representação de incontáveis outras realidades, de quantos e quantos netos e netas são criados pelos avós por diversos motivos. Numa passagem da história, ela conta que foi chamada de “macaca” por um coleguinha de escola. Apresenta-

se com essa cena uma outra realidade enfrentada todos os dias pela população negra, vítimas de um preconceito enraizado desde a época da escravidão e que, conseqüentemente, parte da sociedade deixa viva, latente e comete atos preconceituosos como se fossem normais.

Considerações Finais

A obra **Os nove pentes d'África** (2009), de Cidinha da Silva, confirma a ideia de que a literatura contemporânea está viva e no seu apanhado de repertórios, temas, gêneros e manifestações, destaca-se a literatura como função social e formativa. A autora, negra e participante de programas voltados ao povo negro, suas lutas e a busca por seus direitos e posicionamentos que lhe são negados, conseguiu, a partir da simples e marcante pergunta de uma sobrinha, criar uma história para crianças, mas com uma lição para um público leitor sem idade determinada.

Foi ouvindo crianças, juntando ideias e criando personagens e tramas a partir de memórias e relatos ancestrais que se deu a criação de “Pentes”. É oportuno para estas considerações finais, a homenagem feita a Cidinha da Silva pelo escritor Luiz Ruffato:

Invejo os pescadores. Sabem identificar entre vários lugares de um rio, aquele em que, apesar de parecer com todos os outros, os peixes abundam. Cidinha da Silva é assim como um bom pescador: pacientemente, vem construindo uma obra literária sólida, extraíndo histórias magníficas de onde outros enxergam apenas a placidez e a banalidade cotidiana. (RUFFATO, 2009, contracapa)

O encorajamento de Cidinha da Silva em escrever sobre africanidades e questões étnico-raciais a coloca numa posição de engrandecimento para a literatura contemporânea, visto que, atualmente, se faz tão necessário defender causas e lutar por questões sociais que envolvam entre suas diversidades, o preconceito com o negro, por sua cor de pele e um histórico ancestral de escravidão.

Ao se ter a obra como opção de escolha para compor as bibliotecas das escolas brasileiras, tem-se a oportunidade de levar para as salas de aulas discussões,

debates e verdades sobre a questão do negro no meio social.

Os nove pentes d'África é uma novela destinada ao público infantil, publicada em 2009 e que trata de questões identitárias e africanidades, a partir do resgate de memórias, ancestralidades e vivências que precisam ser resgatadas e preservadas, de modo a entender o passado, ressignificá-lo e compreender o presente para melhorar o futuro. É inconcebível a ideia de que ainda se tenha a necessidade de encarar preconceitos, de deixar o outro à margem. Precisa-se, urgentemente, de mais políticas públicas, de mais produções literárias e de melhor compreensão social, de modo a prevalecer o respeito, a diversidade e a igualdade de direitos e deveres, a partir do individual de cada um, para, assim, harmonizar o coletivo.

Referências

BIZAZZETO, Cristina. As cores na ilustração do livro infantil e juvenil. In: OLIVEIRA, Ieda (Org.). **O que é qualidade em ilustração no livro infantil e juvenil**: com a palavra o ilustrador. São Paulo: DCL, 2008, p. 75-91.

CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. **Remate de Males**: Revista do Departamento de Teoria Literária. n.esp., p. 81-89, 1999

CANDIDO, Marcos. Quem é a autora negra que mesmo sem contrato será lida por milhões? In: **Portal Geledes**. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/quem-e-a-autora-negra-que-mesmo-sem-contrato-grande-sera-lida-por-milhoes/> > Acesso em: 11 jan. 2021.

CÉSAR, Chico. Orelha do livro. In: SILVA, Cidinha da. **Os nove pentes d'África**. Belo Horizonte. Mazza Edições, 2009.

FREIRE, Patrícia. Cidinha da Silva: protagonista da literatura brasileira. In: **Afreaka** Disponível em: <http://www.afreaka.com.br/notas/cidinha-da-silva-protagonista-da-literatura-brasileira.>> Acesso em: 10 jan. 2021.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 12 ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2019.

Literafro – o portal da literatura afro-brasileira: Cidinha da Silva. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/186-cidinha-da-silva> > Acesso em 12 jan. 2021.

MEIRELES, Cecília. **Problemas da literatura infantil**. 4. ed. São Paulo: Global, 2016.

NASCIMENTO, Wanderson Flor do. Prefácio: Enxuzilhando a memória. In: SILVA, Cidinha. **Um Exu em Nova York**. Rio de Janeiro: Pallas Editora, 2018.

SILVA, Cidinha da. **Os nove pentes d'África**. Belo Horizonte. Mazza Edições, 2009.

OLIVEIRA, Ieda (Org.). **O que é qualidade em ilustração no livro infantil e juvenil**: com a palavra o ilustrador. São Paulo: DCL, 2008.

OLIVEIRA, Eduardo. Prefácio. In: SILVA, Cidinha. **Sobre-viventes!** 2. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2020.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução de Alain François et al. Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 2007.

RUFFATO, LUIZ. Contra capa. In: SILVA, Cidinha da. **Os nove pentes d'África**. Belo Horizonte. Mazza Edições, 2009.

O conteúdo deste texto é de inteira responsabilidade de seus autores.